

## **Humberto Lucena: o verbo e a liderança**

A vida nos reserva momentos de extrema dificuldade para decidir. Quando a escritora Fátima Araújo me convidou para escrever o prefácio deste livro, fiquei entre a emoção de falar sobre um amigo e a tristeza de tê-lo perdido. Aliás, a Paraíba perdeu. Com a morte de Humberto Lucena morreu também um estilo conciliador de fazer política. A conciliação é uma das regras básicas da política, sem que isso signifique capitulação, ao contrário, em alguns instantes da história a necessidade de tomar decisões que a princípio podem parecer extremadas, mas que na verdade refletem a imposição de princípios que o homem público não pode abdicar. Humberto Lucena foi assim. Conciliador quando abdicou de sua candidatura a governador em 1986, em 1990 e 1994, com o único objetivo de unir o seu partido, o PMDB, sem que esses gestos traduzem fraqueza, pois nesse período enfrentou duas eleições para o Senado e foi vitorioso nas duas. Quando fez oposição à ditadura militar em seu período mais negro, durante o governo Médici, correndo os riscos de vida ou da própria cassação de direitos políticos, o fez por não admitir que o país convivesse com um regime de opressão que estava acima de tudo e de qualquer instituição. Os seus princípios democráticos não aceitavam aquele quadro político.

Deputado estadual por oito anos e neste período líder do PSD na Assembleia; deputado federal por doze anos, atuando como líder do MDB e, portanto, da oposição na Câmara dos Deputados; quase vinte anos como senador, e, em um único mandato, presidente do Senado e do Congresso Nacional por duas vezes, inclusive quando da elaboração da Constituição de 1988; líder do PMDB e do governo por muito tempo no Senado Federal, além das participações em comissões permanentes e especiais do parlamento. Foi o primeiro a assinar o requerimento de CPI contra o então presidente Fernando Collor de Melo. Tudo isso, de forma sintética, revela o quanto honrou a Paraíba o homem público Humberto Lucena.

Apesar de um currículo invejável, amargou dissabores na vida pública. O primeiro, o de não ter sido o candidato do PSD a governador da Paraíba em 1966, quando, por interferência de militares, seu partido preferiu a candidatura da Redenção.

Logo depois, por não aceitar uma proposta do então governador João Agripino no sentido de um "acordão" para as eleições de 1970, onde não se admitiriam novas candidaturas ao Senado ou a deputado federal, a não ser os que já detivessem mandato, foi obrigado a se candidatar à Câmara mais alta do país, perdendo a eleição junto com Argemiro de Figueiredo, por cerca de cinquenta mil votos, quando ocorreram mais de noventa mil votos em branco no Estado, fruto de uma orientação da esquerda nacional no sentido de não se votar em

candidatos do MDB, pois era melhor não ter oposição, para demonstrar internacionalmente que o país vivia em ditadura militar.

A opção do PMDB de não lançar sua candidatura a governador em 1986 foi o terceiro grande revés em sua vida pública, pois ao final da eleição viu-se que ele também ganharia o pleito, por uma diferença eleitoral menor, mas seria também vencedor. Os fatos políticos que se seguiram naquele quadriênio, geraram o arrependimento dos filiados do PMDB.

Sem dúvidas, a sua injusta cassação de mandato em 1994 foi sua grande decepção na política. Qual o crime que ele cometeu? Usou de forma prevista no regimento interno a gráfica do Senado, para fazer a sua cota regimentalmente também prevista, de calendários que não tinham nenhuma propaganda eleitoral. Todavia, a força da mídia nacional procurou torná-lo um vilão eleitoral, cuja resposta foi a sua eleição pelos paraibanos. Fico sempre na dúvida: se Humberto Lucena não fosse um político nordestino, teria tudo isso ocorrido?

Fátima Araújo foi muito competente na pesquisa exaustiva, aqui, em João Pessoa, nos arquivos do Congresso Nacional e na imprensa, resultando neste importante trabalho para a história paraibana.

O talento de Fátima Araújo já foi demonstrado em outras ocasiões e, recentemente, retratando a vida de Antônio Mariz e o sofrimento dos paraibanos quando de sua morte. É sempre relevante o resgate da vida e idéias dos homens públicos do nosso Estado como forma de influenciar positivamente as novas gerações, pois todos nós sabemos que o futuro de um povo passa necessariamente pelo conhecimento do seu passado, realçando os seus valores.

## Referências

ARAÚJO, Fátima. **Humberto Lucena**: o verbo e a liderança. João Pessoa: A União/Textoarte, 1999. 178 p.